

O PELICANO

06 DE MAIO
DE 1888



O PELICANO

PROPRIEDADE DE JAYME SEIXAS & C.^A

—  —
EDIÇÃO ESPECIAL

ANNO III

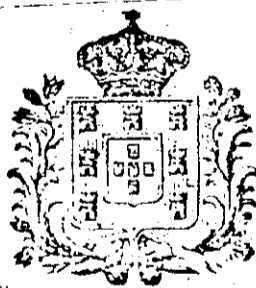
Parahyba do Norte, 6 de Maio de 1888.

NUMERO 8.

HOMENAGEM À COLONIA PORTUGUEZA

DA

CAPITAL DA PARAHYBA



6 DE MAIO DE 1888

HONRA AOS QUE TRABALHAM PELA REDEMPÇÃO DOS CAPTIVOS



PARAHYBA, 6 DE MAIO DE 1888.

Colônia Portuguesa, residente n'esta Cidade, amando de coração a liberdade, e não podendo se conservar indifferente á prosperidade do « **Imperio Americano** », onde tem sido acolhida com amizade e sympathia, resolveo, entre si, promover a libertação d'elle já, e sem condição alguma dos poucos escravos, que ainda tem alguns de seus membros, concorrendo assim do modo mais significativo e imponente com o seu fraco contingente para a grandiosa, humanitaria e sublime obra da « **Emancipação** » dos escravos, por estar convencida que a continuação da existencia da escravidão no solo brasileiro é a causa principal de não ter attingido a patria dos « **Andradas** », á grandeza a que tem direito pela sua riqueza e fertilidade.

Capital da Parahyba, 23 de Abril de 1888.

Viva a Liberdade! Viva a Nação Brasileira! Viva o Povo Parahybano!

Joaquim Garcia de Castro
 Adolpho Eugenio Soares
 José d'Azevedo Maia
 David Moreira de Barros
 Jorge dos Santos Lima
 Joaquim A. Pereira Vinagre
 Victorino A. Pereira Vinagre
 José Antonio Pereira Vinagre
 José Antonio d'Azevedo Silva
 Manoel Dias Saldanha
 José Ferreira da Silva
 Jacintho Pedro de Melto
 José Joaquim Ferreira Barboza
 Joaquim Marques Damazio
 Antonio d'Azevedo Maia
 José Joaquim d'Abreu
 Francisco Dias Pinto
 Antonio G. de Lima Pinheiro
 Antonio J. Pinheiro de Carvalho
 Manoel Vieira Bernardes
 Antonio Alves Correia
 Alexandre Ferreira Pinto
 José Domingues Correia
 José Antonio Martins Leal
 Manoel de Miranda Pedra
 Bento Pereira Mendes
 Manoel Gomes Ferreira Junior

José Ricardo Matheus Ferreira
 Julio Moreira de Barros
 João Pereira dos Santos Farofa
 Alvaro de Menezes Arnaut
 Seraphim José de Mattos
 Augusto Rodrigues Sette
 Antonio Justino Pereira da Silva
 Manoel Fortunato de C. e Aguiar
 Custodio Domingues dos Santos
 José do Porto Vieira
 José Varandas de Carvalho
 José Joaquim dos Santos Lima
 Francisco da Silva Oliveira
 João da Silva Oliveira
 Francisco Tavares do Canto
 Eduardo Tavares do Canto
 Manoel Rabello de O. Cabóclo
 D. Claudina de Souza Machado
 Antonio Furtado da Motta
 Francisco Furtado da Motta
 Alexandre de Faria Godinho
 D. Margarida de Azevedo Maia
 D. Maria do C. L. de L. Castro
 Antonio Pinto Guedes de Páina
 D. Florinda de S. Helena Reis
 Antonio Garcia de Castro
 Manoel Rodrigues Lima

BRAYOS!

A nossa humilhada de artistas e senhores possuímos um titulo que nos dá o orgulho de soberanos - somos livres; e como tal, formamos uma para vitoriosar a heroica colonia portugueza, que libertou os seus escravizados.

1888.

Os Typographos do « Pelicano »

Amancio F. Nobre
 Adolpho F. Nobre
 Alfredo C. Rolleson
 Salustino A. S. Ramos
 E. L. J. Barretto.



PORTUGUEZ e abolicionista, não dou os parabéns à Colónia Portuguesa, por haver libertado os seus escravizados; cumpriu um dever, e os deveres não têm elogio, faltar a elles é que merece reprobção. Dou-lhe, sim, os meus parabéns por, em corpo colectivo, ter dado um exemplo de abolicionismo e de patriótica união.

Um portuguez que possua escravos, perdeu a sua nacionalidade; não os temos em nosso paiz, nem em nossas colonias, não podemos nem devemos tê-los em paiz estrangeiro.

É a soubta de uma bandeira estranha, praticar um acto nefando, que nos levaria na patria, a cadeia, ao degredo; para nos todos os homens são livres, possuímos escravizados é aproveitar, em código estranho, occasião de praticar o mal.

— Felicito a minha patria pela gloria alcançada por alguns de seus filhos.

J. J. d'Abreu.

VIVAS OS FILHOS DA PATRIA DE CAMÕES

DEEMPLUM enim de vobis, ut sicut ego facio facientes.

Foram estas as palavras do Divino Mestre, como devem ser hoje as da Colónia Portuguesa nesta cidade.

Honra e gloria aos filhos de Portugal residentes nesta capital.

Vergonha e opprobrio aos nacionaes que não souberem imitar o grande exemplo, que dão os filhos de além-mar sobre a questão mais momentosa, que tem convulsionado o Brazil, esta terra dos martyres da liberdade, cujo sangue reclama de todos os angulos do Imperio a restituição dos direitos a uma raza digna do srio melhor que a dos oppressores.

Eis a explosão que d'alma nos vem, na contemplação do que se está passando entre nós no tocante á abolição de uma instituição condemnada pela moral e pelo direito natural, pela razão e pela evidencia dos factos.

E o caso de exclamar com o poeta dos escravos:

- Senhor Deus dos desgraçados,
- Diz-me vós, Senhor Deus,
- Se é mentira, se é verdade
- Tanto horror perante os Céus!

Tinhamos então o navio negreiro, esse agente do trafico vil e barbaro, que transportava ás nossas plagas os milhares de victimas, cujos gemidos de dor perdiam-se nas solidões do infinito, ou sepultavam-se nas profundezas do oceano.

E o infinito, e o oceano não podiam vedar que a perversidade humana pudesse reduzir á condição de cousa os seres da mesma especie, e com as mesmas faculdades dos tyrannos que tinham de sua parte o direito da força!

Mas o adiantamento do seculo intitulado das luzes não podia deixar que ficássemos na eterna escuridão, e eis que mais tarde tivemos a lei da prohibição do trafico Africano, lei que foi violada e illudida, até que mais tarde teve o seu imperio.

Já era um cartel de desafio a uma instituição que denunciava o nosso atraso aos olhos das nações cultas.

Ella porém tinha entre nós tal arraigamento que fôra impossivel dar-lhe desde então o golpe decisivo.

Mas no meio da contradicção entre o interesse mal entendido e a luz da liberdade e da fraternidade, pregadas pelo Martyr da Cruz, lá surgiu a lei de 28 de Setembro de 1871, não consentindo que nascesse mais pessoa alguma escrava no Brazil.

E, nem por que já fuisse bem profundo o golpe, esmoreceram os compressores, redobrando o esforço da tyrannia para sugarem a ultima gotta do suor daquelles que elles reduziram a verdadeiras machinas automaticas, homens sem fé, sem crencas, sem outra lei que o trabalho não estimulado por uma recompensa, sem educação moral e civil, sem religião e sem Deus!

E não lembravam-se, que seus filhos, educados no contacto de tão edificante exemplo, eram por sua vez outros tantos escravos, incapazes de atistar-se sob a bandeira da liberdade que é a luz do progresso!

O movimento entretanto cresceu, e redobrou de grandeza com a nova lei de 28 de Setembro de 1885 e seu regulamento negro.

E cresceu ainda a ponto que os resistentes de hontem são hoje os primeiros propugnadores da extincção completa e absoluta da escravidão no Brazil!

Não cabe nos limites de nosso escripto fazer o completo historico das phases por que tem passado entre nós a escravidão.

Por isto fazemos essa pequena enumeração *summa capita*, para dizermos que não pôde hoje aferrar-se ao poder senhoril aquelle que vio de onde veio o conselheiro Antonio Prado, o grande cooperador da lei Saraiva, que embalde, diziam ser a ultima palavra sobre a escravidão, o qual hoje tem-se collocado á frente do movimento abolicionista da grande provincia das iniciativas — São Paulo.

Nada de politicagem com uma causa que entende em nos contra politica do que com os sentimentos humanitarios e com os conhecimentos economicos da puelle que estão na altura de ver por onde se póde e deve marchar para o engrandecimento da patria.

E quando o movimento marcha em ordem a chegar ao seu termo, quando nelle se empenham o povo, que forma a opinião do paiz, o governo que se deve guiar pelos impulsos da opinião, e o alto e baixo Clero, cuja missão evangelica tem sido exercitada por profundas e bem pensadas Pastoraes de nossos virtuosos Diocesanos:

Quando ouvindo a palavra inspirada de Joaquim Nabuco o proprio Leão XIII promette a sua encyclica a todos os catholicos Brasileiros na qual os exhortará ao cumprimento de um grande dever — qual seja o despedaçamento do ultimo elo da cadeia que rouxeia os pulsos de nossos irmãos, não podemos acreditar no emperramento de nossos concidãos; e nem tão pouco que a cobicia de um miseravel e mesquinho interesse os cegue a ponto de não verem a aureola de luz, que circunda a frente de nossos hospedes pelo acto de benemerencia que praticaram, libertando gratuita e incondicionalmente todos os seus escravizados.

Foi por isto que começamos o nosso ligeiro trabalho com a terrivel objurgatoria arremessada á face dos que se prestarem a representar o papel do pior cego, que é sempre aquelle que não quer ver, olhando para tudo quanto é nobre e sancto, sempre com os olhos da carne, que os do espirito se acham obnubilados pela nuvem negra do obscurantismo.

Parahyba, 6 de Maio de 1888.

Antônio Bernardino.

Parabens

A escravidão é uma iniquidade revoltante, uma verdadeira discrepância da vontade de Jesus Christo, que proclamava a igualdade e a fraternidade...

ESCRAVIDÃO é um crime mais do que isto, uma monstruosidade. Nada mais absurdo do que o domínio do homem sobre o homem.

Como admitir-se a distincção de pessoa e cousa, senhor e propriedade, entre seres semelhantes, dotados de attributos e destinos iguaes?

Como se explica a divisão do género humano em dous grupos — livres e escravos — desde que todos os homens são creaturas d'um só poder sobrenatural, que não estabeleceu sinão leis immutáveis e harmonicas?

Como aceitar a desigualdade perante o herosi não se pôde contestar a igualdade perante o tumulo?

A todas estas interrogações só se pôde responder com o verbo condemnador da escravidão.

Por sua natureza, como por sua origem, é ella uma instituição illegal, absurda, antisocial, monstruosa.

Desgraçadamente plantada no solo brasileiro por um trafico deshumano, sem respeito ás leis e aos tratados, a escravidão não tem defesa passivel, merece as verberações da linguagem mais implacavel.

Porque reduz o ser humano, dotado de intelligencia e d'uma alma immortal, á misera condição de cousa, despoticamente dominada pela vontade de outrem, ella significa a mais audaciosa e revoltante violação do direito natural, o mais execravel desrespeito á dignidade individual. Ha mais ainda: a escravidão importa uma grave offensa á Divindade porque avilta a obra d'Esta.

Em honra da nação folgo de confessar que, de ha muito, ella proferiu o verbo de revolta contra tão nefasta instituição.

Surgindo da obscuridade em que me apraz viver, venho jubiloso associar-me aquelles, que n'um turbilhão de palmas e bravos applaudem a Colonia Portuguesa n'esta capital por haver promovido a libertação dos poucos escravos, que possuíam alguns de seus membros.

Parabens a esses bravos filhos da patria de Camões!

Avante vós outros, adoradores da idea abolicionista!

Guerra de extermínio á escravidão!!

F. Machado.

SE a caridade, essa sublime virtude, é o fundamento da religião de Christo, e deshumano tratarmos o nosso semelhante como autmato;

6-5-88. A. E. S.

A escravidão hoje é impossivel continuar.

Ella é o maior attentado do homem contra o homem; a maior infracção das leis naturaes e divinas.

D. Luiz da Silveira.

Aos Libertadores Parahybãos

Preparar-vos á luta, irmãos da sertão! Nos ferros não se vence; reina a morte quando fôr o clarão da liberdade.

Rodrigo A. P. Molemas.

Vós que em nome da patria escravizada, que do Calvario vai chegando ao fim, em cruzada seguis com a moedade...

Almas cheias de amor e de esperança, que o sol de enthusiasmo enrubescou! Que, aos embales cruéis da Tyrannia...

Mensageiros da aurora do futuro, que annunciava candida de afém... Vos que em nome da patria, por piedade...

Oh! sublimes levitas das idéas, que, aos alhores fulgurantes da manhã, a raça que de lagrimas se banhava...

Erguei vossa bandeira immaculada, que ostenta a viva cor dos arreboes! As victimas do triste captivo...

Lança-vos n'essa praga fervente, que a crenga que vos doutra o coração, de uma vaga de luz irradiante...

Segui, pois, a jornada peregrina, a desejada e verde Chanuan... Não tarda ver de joelhos na montanha...

E depois, quando a virgem natureza expandir-se aos fulgares do Equador, e deixes — nas montanhas all'rosas...

Apressardes, sublimes lutadores, ao pé de uma cabana alva e feliz. Escutaveis, perdidos de causa...

E, rasgando as florestas brasileiras, povoadas de lendas pela historia, Os escravos, a vós agradecerão...

Maximiano de Figueiredo.

Luz e harmonia

A COLONIA PORTUGUEZA no tempo de sua vida... Luz e harmonia... A COLONIA PORTUGUEZA no tempo de sua vida...

J. Camillo.

MINHAS Senhoras, meus Senhores. Nós, portuguezes dignos dos nossos maiores...

Nós, portuguezes dignos dos nossos maiores, a esta festa augusta, limpos da grande macula de esclavagistas.

Reconhecendo que a culpa tem sido grande, cumprimos com o dever, que a humanidade de ha muito nos impõe a todos.

Diante de vós, Sr. Presidente, acha-se representada a Colonia Portuguesa, pelos Senhores Joaquim Garcia de Castro, Adolpho E. Soares...

Vimos aqui entregar em vossas mãos o documento authentico de que a colonia portugueza, residente na capital, não possui mais escravos.

A iniciativa desta nobilissima idea partiu dos Senhores Joaquim Garcia de Castro e Adolpho E. Soares, assim como a gloria da sua realisação cabe a todos os portuguezes e portuguezas...

Minhas Senhoras, meus Senhores. O genio portuguez nunca foi escravocrata; o haver escravos no Brazil, quando colonia e quando reino unido, nada prova...

Mas é preciso notar que, antes de muitas nações, aboliu Portugal em suas colonias a escravidão.

Nenhum povo no presente século tem leis mais livres e, nos seculos passados, as nações, que, hoje, se dizem adiantadas, foram mais cruéis e ainda conservam velharias e raridades...

Portugal foi a primeira nação que aboliu a pena de morte; existe para os crimes militares, mas ha mais de 40 annos que não é applicada. O castigo corporal foi banido do exercito...

Este um exemplo de salutarissima influencia. Subimos na consideração do nobre povo parahybano a nós ligado pelos laços d'amizade e de familia.

O melhor do sangue portuguez correu n'este solo das grandes matas virgens, dos sertões longiuos, das grandes serras e dos enormes rios. As caravelas portuguezas fundearam em todas as enseadas e em todos os portos da terra da Santa-Cruz...

Santas padres foram essas! Foi um povo titanico o povo portuguez.

Quando calico a minha mão sobre um mapamundi, confesso o meu orgulho: sobre todos os mares «nunca d'antes navegados» passaram as lusas naus.

As ondas varriam o cavés das fragéis caravelas, o vento sibilava nas enxarcias, o raio lascava os mastros... e o navegante, sem tremer dizia: alem!... alem!... a gloria ou a morte... e a morte não vinha.

Sorria-lhe a fortuna e corava-o a gloria. O mar tinha fim... e a terra do sonhar febril do marinheiro cusado, apparecia d'entre umas neblinas, que o sol bebia.

Se as legiões romanas levaram longe as suas aguias, mais longe e por mares tenebrosos levaram os nossos a bandeira das quinas.

Roma governou a Iberia dois seculos, mas os nossos antepassados, provaram mais de cem vezes ao povo romano o seu amor de independencia.

Sertorio chamava a si os lusitanos e batia Pompeu; Viriato desejava do monte Hermínio e esmagava a quatro pretores. Numaancia, a grande Numaancia, já fazia sonhar com a futura Saragoga, e o monte Hermínio com os despenhadeiros do Bissaco.

Trajano um dos maiores, se não o maior imperador romano, era lbero, Luciano o poeta da Pharsalia, lbero era.

Descendemos de heroes. Terminados os trabalhos hercúleos da sua reconstituição politica, ergueram-se ainda mais os nossos antepassados, e formaram-se os primeiros navegantes.

Pertencer á nobre e altiva peninsula hispanica, é gloria, causa orgulho.

Fixaram João de Barros e Camões a lingua mais sonora da Europa, e o prosador e o poeta atrahiram os olhos o nome assombroso do povo da occidental-prata.

Os nossos mareantes deixaram em todos os mares a esteira de suas naus; e o Sacerdote de Christo rasgou até ás carnes a stringe sagrada de levita nos espinhos das selvas, e os pés, rôtas as sangalias, suaram sangue das pedras e das aréas quentes, que pisava firme na crenga de colher almas para o céu da sua idea.

Minhas Senhoras, meus Senhores. Até aqui fallou o meu patriotismo, vou fallar agora a minha dor, a minha tristeza. Atrair a largura, imperterrito, firme, crente, o pensamento de

uma nobre acção, é por vezes temerario, mas é sempre esplendido, e sempre justo.

Minhas Senhoras, meus Senhores, eu padecia da grande loucura dos visionarios. Se fosse artista, como Palissy, eu não trepidaria em lançar ás chaminas do forno, que, quasi a extinguir-se, me levasse a grande obra do meu pensar, as taboas e os trastes do meu lugurio. Nas pranchas de uma pequena caravela, ousaria tentar os mares, se no meu cerebro se desenhasse a sombra de um mundo desconhecido.

Soffro da loucura que vague, que caminha e que se arroja, sem ouvir os gritos dos Serios, dos que têm juizo.

O riso escarninhado, a maldição dos fortes não me fazem pedir misericordia, confessar o meu erro, que não é erro, é gloria.

Depois de convencido não recto, caminho ovante!

Minhas Senhoras, vos que sois filhas, irmãs, mães e esposas; que sois a doçura, o concheço, a amenidade, a unica ventura do homem, que tem sempre generoso, vos arranca lagrimas e suspiros, e que ás vezes, ao desfolhar a coroa de noiva, vos desfolha tambem a flor das vossas crencas angelicas, perfumadas, infantis, da cor das auroras, a vós Senhoras, em nome de um povo generoso e vosso irmão, dedico as minhas congratulações.

Esta festa, minhas Senhoras, é uma grande festa. A caridade já corresponde a gloria.

Quando hasteei a alva e gloriosa bandeira abolicionista, quando no azul celesste deparei com a ideia sancta da redempção, deliqui-vos uns pobres escriptos, implorando-vos a vossa força, que vos vem dos céos, o vosso amor que é bendito, o vosso riso que prende, a vossa caridade que consola, em favor dos miseros escravizados.

Implorando-vos assim, pedia a caridade o concheço para a miseria, a crenga a fé para os descrentes da justiça humana, a esperança que não abandonasse os corações; que ainda hoje sangram, das victimas tristes da infame prepotencia, o que não tem explicação perante vós Senhoras, que sois sanctas, perante os homens, que atiram altivos o pensamento atravez dos espacos.

Disse, que a vós, minhas Senhoras, se devia esta festa; é certo: ás vossas virtudes, aos vossos carinhos, ao amor dedicado, que consagraes no lar á familia, deve o homem a paz da sua consciencia, as acções nobres da sua ventade. Pelos vossos habitos brandos, nos acostumamos á brandura; pelo vosso amor praticamos o bem, procurando engrandecer-nos para agradar-vos.

Sem vós, minhas Senhoras, a luz do nosso cranéo, que se desprende a encontrá-se com a luz das estrellas, não se avivaria intensa.

Suavisar as dores humanas, chamar ao gremio da sociedade almas perdidas nas trevas, nas lobregas masmorras, nos eitros, nos troncos, nos palauques, nas cenizas humildas de lagrimas, escuras de suspiros, é, por certo, a vós Senhoras, que isto se deve. São os vossos maridos, os vossos irmãos, os vossos filhos, a quem ensinastes o trilho sancto, que a desventura percorre, pedindo-lhes socorro para os que padecem que, para bem merecerem os vossos puros affectos, foram arrancar estes, hontem miseros captivos, á escuridão de uma treva, para entregal-os á luz de uma estrella — a liberdade.

Minhas Senhoras, meus Senhores. Eu obvio a prepotencia, sou por tal forma indocil ao mandado sem regra, que passo aos olhos de muita gente, que se diz sensata, por um original inconveniente: mas que hei-de fazer?

O meu coração esconjura a Tyrannia; amo todos os martyres da liberdade. Com gosto mor-

reria depois de haver libertado 4 milhões d'escravos, como Lincoln; enforcado como Riego, como Gomes Freire d'Andrade, fuzilado como Rossel, morreria contente.

A liberdade é uma causa sancta.

Arrebatat ao algeoz a victima; ao pobre, que chora, atirar-lhe a esmola de um sorriso; a creanga levantar-a ao collo, á mulher estender-lhe a mão e apertal-a contra o seio, é nobre, é sancto; mas, verduro, passar por cima da humanidade, é ser fera, e a fera é do covil, e o homem é da sociedade, pensa. É criminoso, muito criminoso, o que despedaga os laços da fraternidade. É um bandido, que merece a reprovação geral, e a quem se deve perguntar: Cain que fizeste de teu irmão?

A escravidão, minhas Senhoras, é o inferno da vida.

O trafico foi uma coisa medonha!

Deram-se milhares de hecatombes! milhares! milhares!

No solo africano, as praias manlavam aos mares lagrimas de sangue, os mares atiravam ás praias, os mortos arrojados dos navios negreiros, infernos em pleno oceano.

As selvas ouviam gritos melonhos de uma dor infernal das victimas da furia negreira; as aves espavoridas procuravam os céos, e o chacal e o tigre rosnavam imprecagoes contra a matilha, que lhes passava ao pé de punhal á cinta e de trabuco ao braco, em procura da caça para adubar a terra.

N'America as mesuras secas de desolagão e miseria.

Nas mattas invias, nas grotas, nos despenhadeiros, alvejavam á claridade da lua, milhares e milhares de ossudas.

O relento malhava corpos inertes; os rios rolavam cadaveres e cadaveres, e o jaguar de cima do oiteiro, esgazava os olhos, escancarava as fauces, e, aos echos da solidão, perguntava: que fera é esta, mais forte e mais feroz do que eu, que assim rasga corpos humanas? E, os echos escarninhos, respondiam: Os Senhores das fazendas, que mitigam a sede dos ardores tropicaes e o sangue humano!

Minhas Senhoras! Vós, a suprema gentileza da humanidade, levantai a bandeira do abolicionismo, quebrae a cadeia que prende á rocha o infeliz escravizado. Valde-lhe, Senhoras, e um dia sois benditas, sois sanctas, e mandareis os vossos nomes á historia, que falla das heroínas que vos precederam. Com a fé que em vós reside, com a esperanza de que sois o aroma, levae a caridade ao seio das vossas familias; rogae pelos miseros escravos, aos vossos maridos e aos vossos irmãos, e os vossos sonhos serão mais alegres, as vossas manhãs mais risonhas, os vossos jardins mais cheios de olores e as grancinias do vosso seio, mais puras e mais lindas.

Ouvi, minhas Senhoras, o grito da liberdade que vos implora. Ouvi o grito dos que gemem sepultados nos abysmos d'escravidão.

Daes, Senhoras, a luz á treva; em etheros paramos, transformae este chão d'abrolhos; d'auroras banhao os seios, que a dor escurreceu.

Sede as heroínas d'esta Crusada Sancta! e, a humanidade, vos bendirá, Senhoras.

Minhas Senhoras, meus Senhores: Vou terminar. A commissão da colonia portugueza, tendo em sua frente a bandeira das quinas, que lhe vem de Ourique, surta o pavilhão auriverde e respeitosa beija os degraus sagrados do tabernaculo auguste, erecto á liberdade, por vós Senhoras e Senhores, n'este dia, data esplendente nos fastos da terra de Branca Dias. — J. J. d'Alencar.